

SORRISOS LÁGRIMAS POEMAS

JAIME MILHEIRO*

Resumo: *Este texto é uma reflexão sobre os seres humanos que, nascidos prematuros e absolutamente dependentes de quem os alimenta e agasalha, sempre se obrigam a sorrir e chorar para sobreviver. Pelos seus caminhos e descaminhos perpassam encantos e sofrimentos, estéticas e palavras, afetos e disfunções donde podem brotar poemas, sempre atravessados pela condição essencial da espécie a que o autor chama misteriosidade (contraponto do medo do desconhecido). A ocultação dos genitais femininos, pela posição ereta determinada, desempenha significativo papel na potencialidade expressiva de todos esses sentimentos, nos homens e nas mulheres.*

Palavras-chave: *lágrimas; sorrisos; misteriosidade; poemas.*

Abstract: *This text is a reflection on human beings who, born prematurely and absolutely dependent on who feeds and warms them, are always forced to smile and cry in order to survive. Enchantments and sufferings, aesthetics and words, affections and dysfunctions permeate through their paths and detours, from which poems can sprout, always crossed by the essential condition of the species that the author calls «mysteriosity» (a counterpoint to the fear of the unknown). The concealment of the female genitals, due to the determined erect position, plays a significant role in the expressive potential of all these feelings, in men and women.*

Keywords: *tears; smiles; mystery; poems.*

Sorrisos, lágrimas e poemas são formas de expressão características e caracterizadoras da espécie humana. Interligam-se, no fundo, seja numa função ativadora e construtiva, seja como contraponto de dores e sofrimentos.

Nenhuma outra espécie de tal capacitação dispõe.

SORRISOS

Sorriso é um movimento para o desconhecido que se deseja conhecer (mesmo que já se conheça), no agrado de o fazer.

Será algo que se oferece e não se diz, que se tenta e fica a meio, num aceno de misteriosidade e de música entre pessoas afins.

Num primeiro tempo, na situação infantil e no que dela resta dentro de cada um, sorrir será um movimento natural e ativo, que conjuga corpo e mente em separação impossível. Indicia confiança e desejo, insinua relação e carinho, promete ligação e futuro, numa cordial ideação sobre a realidade e sobre a fantasia da pessoa a quem se dirige ou da pessoa de quem se espera. Mesmo não completamente entendido

* Psicanalista; Ensaísta. Email: jaimemilheiro@netcabo.pt.

pela criança, conterà sempre uma natureza apelativa e colorida, eventualmente uma súplica angustiante.

Sorrir ilumina, abençoa, aproxima. Transporta os sinais positivos de quem no sorriso dos outros se revê. Só no temor do desconhecido os seres humanos desenvolveram tão extraordinária capacidade, na intenção de compensarem as hostilidades que dele temem. Sem ameaças supostas sorrir não faria sentido, salvo em situações botânicas ou em múmias de cativo.

Será por isso que um verdadeiro sorriso jamais contém arrogâncias de vencedor ou inferioridades de perdedor, porque jamais em tais águas desliza. Superou-as, na condição de existir. Transportará, pelo contrário, cumplicidades despojadas de artimanhas e reciprocidades agradecidas em vice-versa, assentes nos princípios de vida que todos os seres humanos incluem e que por norma só notam quando falham.

Nas disparidades humanas os sorrisos serão sempre, por isso, muito bem recebidos. À maneira de afortunadas bonanças e de primordiais atitudes exercitam convergências, relativizam subsolos, apaziguam estandartes. Foi através deles que os Sapiens se civilizaram e ativamente distenderam as comensalidades que os distinguem e que tornaram cromossômicas, numa socialização certamente iniciada quando começaram a responder pelo nome e a reconhecer o nome nos outros.

Sem identidade, sem presença, sem interiorização do «outro», sorrisos nunca haveria. Nada os justificaria. Poderemos mesmo afirmar que jamais existirão sorrisos imotivados, mesmo em doentes portadores de esquizofrenia. O alvo apenas estará bastante longe, em tais situações. Apenas isso.

Sorrir será a condição matricial duma espécie sempre estruturalmente insegura e sempre rebuscada nas suas próprias afirmações e confirmações.

Num segundo tempo, desde sempre o mais visível, sorrir será o festejo de proximidades conseguidas. Representará simpatias encadeadas, amabilidades distribuídas, galhardias em movimento.

Contrariando pânicos, teimosias e disfunções, sinaliza o glorioso triunfo da espécie sobre a imponderabilidade e a volatilidade nas relações, num alegre contributo. Pelo menos numa temporária aparência, todas as divergências se colocam para além do postigo e para aquém de empedernidos vernizes. Contagiando alegorias, o sorriso patrocina quem evoca e renova quem participa, resolvendo ansiosas reservas dentro e fora de cada um.

Sorrir será a imperiosa necessidade duma espécie sempre interiormente carecida e sempre rebuscada nas suas próprias referências e consistências.

Num terceiro tempo, o sorriso converte-se num estereótipo aberto às portas do salão e fechado à saída, particularmente utilizado nas estações de serviço e nos apeadeiros das lojas de conveniência que os seres humanos se obrigaram a frequentar.

De geometria variável e de focalização à medida, em moldes afetivos, económicos, sociais ou outros, transforma-se no esgar humedecido de bornais a preencher, como quem engendra compromissos sem no fundo se comprometer.

Facetas gloriosas ou desdenhosas ganham então volume, abandonada a fluidez naturalista dos tempos infantis. Frequentemente evolui para aneurismas dissecantes de mentes empobrecidas, protagonizando encomendas e exercitando vibrações tanto mais estampadas quanto maior for o jogo e o pedaço a presumir.

Sorrir será a indispensável encenação duma espécie sempre socialmente entretecida e sempre rebuscada nas suas próprias realizações e admirações.

Esboços de sorriso aparecem desde os primeiros dias, por norma entremeados de agitações e de choros, como reflexos neuromusculares do bebé que se inicia.

Nascidos prematuros, absolutamente dependentes de quem os alimente e agasalhe, os primeiros verdadeiros sorrisos aparecerão pelo mês e meio. Risos abertos, gargalhadas, caretas, virão a seguir, tornados importantíssimos meios de comunicação com a mãe e significativos avanços no crescimento do bebé que gostosamente se envolve, interpreta e replica.

Todas as mães sabem disso e todas o esperam, sem livro de instruções, desde o paleolítico. Todas reconhecem o que o sorriso representa para elas e para o filho, quanto lhes propicia em gostos e desgostos, seguranças e inseguranças, recusas e aceitações. E quanto através dele dão e recebem, numa adaptação progressiva aos choros e sofrimentos que nunca acabarão de percutir.

Brincar só induz parcerias porque fermenta sorrisos, incorporando emoções e presenças. Não brincar adoce porque não relaciona sorrisos nem os distribui, incapaz de simbolismos e de integrações.

Mãe e bebé têm prazer no estímulo, na resposta, no sinal, na partilha, na atenção, no diálogo, na experiência, na vivência, em tudo quanto sorrisos faça prosseguir.

Há calor e erotismo nessa troca. Num e noutro o corpo estremece em ritmos de cintura, carícias de manipulação, balancear de extremidades, relaxamentos tensionais, animismos em teatro, cenas de toque e retoque. Todo o Sapiens rodopia numa troca sonorizada.

É a festividade em gorjeio, a bênção que se assegura.

Sorrir veicula a genuidade duma relação, mais ainda duma relação mãe/bebé.

A sua justeza e dimensão marcará tendências e desenvolvimentos. Num interesse pressentido e numa funcionalidade engalanada, assinala merecimentos e recompensas, objetos e objetivos, conteúdos e continentes.

Sem verdadeiros sorrisos tudo se prejudica, porque os artifícios sorridentes nunca serão sorrisos. Não passam de caricaturas que atrofiam a espontaneidade da relação, amortecem a evolução da misteriosidade e comprimem afetividades deficientes à partida. As falsidades ganham corpo e os ressentimentos acentuam-se numa tal condição, pouco ou nada resolvendo os fantasmas de abandono que no horizonte sempre se levantam, nem das ameaças de um desconhecido tornado cada vez mais hostil por cada vez mais desconhecido.

Resultarão depressividades mais ou menos encobertas, inúmeras vezes automaticamente reprimidas e conservadas.

Não partilhar sorrisos em curta idade perturba a essência da emocionalidade. Multiplica as defesas, justifica alertas e desconfianças, perturba alguns dos alicerces fundamentais do crescimento.

Uma das maiores preocupações da criança, a partir dos 4/5 anos, é a procura de uma mãe que lhe sorria. Tal sorriso significará que ela estará bem consigo própria, apesar de todas as malandrices pela criança realizadas. E significará também que provavelmente ela estará bem com o mundo em geral, sobretudo com o mundo do pai, numa proclamação e numa dúvida inúmeras vezes vivenciada até ao fim. Tudo na vida lá irá bater, tal a importância do estado emocional da mãe, às vezes numa tal intensidade que para a protegerem até com ela se identificam.

Sisudez não significa ausência de sorriso: significa apenas controlo de qualidade.

Três fundamentais organizadores da vida psicológica se temporizam no crescimento.

Serão, segundo os livros:

O sorriso... no terceiro mês... donde parte o conforto expressivo de uma relação que recompensa

A angústia do desconhecido... no oitavo mês... donde parte o medo do outro e a misteriosidade que o compensa

A capacidade de dizer não... no décimo oitavo mês... donde parte o sentimento de autonomia e a responsabilização que o não dispensa.

Só cabalmente cumpridos, o adulto de si próprio dirá:

«Sempre me senti altamente desapontado por não ganhar os 100 metros nos Jogos Olímpicos... mas continuo a sorrir e a responder a mim e aos outros».

Ou, dito doutro modo:

«A quem contarei a imensidade de histórias e de memórias que dentro de mim fervilham e que ninguém parece interessado em escutar, menos ainda em dialogar...? ... provavelmente apenas a mim mesmo... na certeza de continuar a pensar e na satisfação de continuar a sorrir».

Não cumpridos, provavelmente dirá:

«Morro no deserto, insatisfeito de todos e de mim... num vazio onde nada me interessa e onde ninguém me sorri... ninguém sabe quem sou nem onde estou... não sei o que faço por aqui... resta-me partir».

Ou ainda:

«Vivo numa raiva de tudo... já nem de lágrimas disponho... na minha rotunda ninguém circula... desespero de mim e dos outros».

LÁGRIMAS

Lágrimas são emoções liquefeitas, a brotar sem pedido em fastas e nefastas ocasiões.

Ao contrário dos sorrisos, sempre ativos e dirigidos, lágrimas são processos reativos. Partem de alegrias e tristezas donde o sorriso se expatriou, na sequência de sofrimentos, perdas ou falhas. Algumas pretendem repatriar os sorrisos perdidos, até os suplicam, outras pretendem expulsá-los mais ainda, numa expressão que será sempre íntima e pessoal nos jardins de quem chora, mesmo que aparentemente aos outros se dirija.

Há lágrimas de emoções visíveis, de emoções escondidas e de emoções tão secretas que nem o próprio descortina.

Neste último caso, podem irromper através de emergências tão compulsivas e tão inquietantes que fornecem inopinadas revelações sobre complexos recônditos. Serão emoções de quem reage, não apenas aos confrontos de momento, mas a todos os de idêntico teor que dentro de si se acumularam e que associados retinem, mesmo aparentemente esgotados. Partem quase sempre de zonas inconfessáveis, de arquivos ou de elementos indecorosos ou traumatizantes, negativamente autoestimados por impossibilidade de elaboração.

Ninguém lacremeja porque quer, embora todos os humanos transportem um saco de lágrimas e a experiência facilite.

Todos engoliram dores e sofrimentos desde o primeiro dia.

Todos por entre gritos, demandas e compensações inscreveram alarmes e pedidos de socorro, por vezes num formato incontinente.

Todos com lágrimas lubrificaram fisiologicamente os olhos e psicologicamente os olhares, compungindo-se, alegrando-se, amaldiçoando-se, na companhia doutros gestos e linguagens que esmeradamente entrecruzaram.

Muitas lágrimas são lágrimas perdidas.

Mesmo aparentemente justificadas são lágrimas do chão. Não passam de fermentações epidérmicas, purificadoras de homens e mulheres numa cultura que as admite.

Mas há lágrimas doutro cariz. Soberanas e sem rede, fundamentos da espécie que as vive e realiza, como veremos a seguir, nunca serão externalidades culturais.

A cultura apenas reside no último piso de um edifício atribuladamente construído.

A cultura impressiona mas não cria.

Engendra partituras mas não gera criaturas. Dá novas expressões e novos formatos, mas só por si não chora nem ri. Não cria lágrimas nem sorrisos, menos ainda poemas.

Muito antes de se envolverem nas circunstâncias epigenéticas e nos mergulhos culturais, já os seres humanos se haviam comprometido noutras primícias e noutras composições.

Só pelo facto de existirem já todos se haviam comprometido com as lágrimas da mãe, por exemplo, plenas de sossegos e desassossegos, com a enorme repercussão que tiveram e que pela vida fora continuaram a ter, mesmo em secreto segredo. Para o bem e para o mal, com ela e com elas haviam compartilhado choros, às vezes de tal magnitude que metaforicamente poderíamos dizer: sem as lágrimas da mãe (sem aquele verdadeiro interesse que elas revelaram, tal como no que diz respeito aos sorrisos) ninguém sobreviveria.

Todas as mães são iguais em tais sobressaltos, salvo as «mães científicas» em livros formatadas.

Em todas as épocas, em todas as culturas, nos índios da Amazónia ou em Silicon Valley, por essência biológica e por condição psicológica, todas funcionam nessa idêntica atitude, porque intrinsecamente e em toda a parte representam a funcionalidade da espécie. Jamais as poderemos elidir, mesmo que artificiosas supermotivações e engenhosas superinteligências (neles e nelas) nos últimos tempos tenham vindo a propor mães à consignação e pais em perfusão. Só mudando quem somos, tal seria possível.

Só elas dão à luz. Só elas darão à luz, que se saiba, facto que ultrapassa todos os «senhorios» epocais e todos os «alocamentos» tribais porventura desenhados. Ninguém em vez delas se vincula e ninguém tão abnegadamente pode sequer tentar perceber o seu «misterioso» bebé. É impossível ser doutro modo.

Jamais haverá seres humanos de aviário. Morreriam em tempo curto, embrutecidos pelo chumbo.

Mas, mesmo antes de nascerem, já em todos os seres humanos funcionavam dois originários trampolins, plenos de lágrimas e de sorrisos.

O primeiro vinha do sexto dia, altura em que o «Criador», pleno de esperanças mas descuidado de quantas guerras, maledicências e apedrejamentos com tal gesto iria fomentar, criou Adão e Eva. Quando criou apenas dois sexos, não quatro ou cinco, num tremendo erro até há pouco sem remédio. Foi um erro colossal, o maior da História, como recentemente nos têm vindo a garantir os meios de comunicação social, mais indesculpável ainda por ter vindo de quem veio.

Fontenários de lágrimas de tal desatenção resultaram, embora o Criador tenhamos de desculpar, por dois motivos.

Primeiro, reconhecendo-lhe o enorme cansaço (tão desgastado andava que no sétimo dia se obrigou a descansar), segundo, dando-nos conta dos seus anteriores compromissos. Nos gatos, nas aves, nos peixes, nas minhocas, nas couves, nos bichos das couves, em todos os seres vivos até então conhecidos, apenas dois sexos havia igualmente criado. Não pareceria justo abrir exceções, fosse para quem fosse, nem nada justificaria dar aos primatas maior protagonismo do que aquele que já tinham.

Por razões difíceis de explicar, esses dois sexos tenazmente foram mantidos ao longo dos tempos, apesar das enormes dificuldades de relação que pertinazmente lhes aconteciam. Só agora, cerca de cinco mil anos volvidos, os Sapiens mais entendidos na matéria acordaram e tão grave anomalia decidiram corrigir. Ancorados nos novos dados pela evolução mental concedidos, facetados nos novos desígnios pelos estados gerais concedidos, tal erro assertivamente repudiaram e em breve promulgarão as necessárias medidas.

Quatro ou cinco sexos estão nesta altura a fabricar-se, na poderosa e constituinte determinação de quem nos Sapiens orienta as artificialidades que seremos. De máscaras far-se-ão pessoas, estando igualmente prevista a rápida exportação de tão reconfortante mudança para todo o Universo, buracos negros incluídos.

Em modos de voo e em nome da justiça, todas as humanas dificuldades irão por fim dissipar-se, restando-nos agradecer e piedosamente colaborar em tão abrangente boa nova, não vá o Céu cair-nos em cima e atolar-nos na jarreta ou na valeta.

Acabar-se-ão finalmente as medievais torrentes de lágrimas que pelo planeta circularam, igualmente fenecendo muitas outras indecentes questões, substituídas pelos harmoniosos sorrisos de quem sexo não possui e nem sabe o que isso é.

O segundo trampolim provinha de um outro enorme sobressalto, na pradaria acontecido.

Resultava daquela esquisitíssima posição de pé pela evolução desencantada, posição que profundamente ocultou os genitais femininos e que, sobretudo a partir da altura em que machos e fêmeas tentaram civilizar-se e referenciar-se como homens

e mulheres, tantas lágrimas determinou e nas culturas ainda não abrangidas pela boa nova continua a determinar.

A evolução proporcionou, de facto, esse oblíquo «recalcamento orgânico sexual», excelente base para os recalcações psicológicas que vieram a seguir. Dificultou o acesso aos pontos de encontro, motivou desencontros e desvarios, embora tal ocultação também os tenha beneficiado com uma sexualidade disponível o ano inteiro (não apenas na época do cio) e com uma misteriosidade ampliada e atrativamente focalizada em ardentes regozijos.

Muitos homens e mulheres deixaram de saber objetivamente onde o filme começava e onde terminavam os efeitos especiais. E todos foram obrigados a inventar uns estranhíssimos posicionamentos corporais e uns energéticos contorcionismos para as portas franquearem e breves sorrisos anunciarem, enquanto o resto da bicharada que não sabe o que são sorrisos, nem lágrimas, nem poemas, funciona muito mais à vontade e nem nisso pensa.

Por insuficiente engenho na distinção entre real, simbólico e imaginário, grande parte dos homens e das mulheres não se mostraram, de facto, capazes de sorrir numa tal condição, menos ainda de cuidar ou repartir. Não inocularam o quantitativo necessário de benefício e continuaram sofredamente a respirar.

Por entre fascínios e consumições, virtudes e consumações, malabarismos e solidões, encharcaram-se de lágrimas, nenhuma cultura até hoje as conseguindo interromper:

sejam lágrimas de vida, «pétalas de lágrimas»... a sinalizar cânticos, amores, orações e poemas

sejam lágrimas de morte, «lágrimas de pétalas»... (há uma agência funerária em Évora com esse nome)... sinalizando perdas, contrições, desamores e sofrimentos

mesmo que os seus conteúdos possam eventualmente diferenciar-se entre homens e mulheres

mesmo que o seu grande manancial provenha de ocultas jazidas e quanto mais oculta for a sexualidade de mais lágrimas disponha, numa equação universal

mesmo que todas não passem de gotas de água salgada em sentimentos, teatros e ilusões, porventura secas e caladas

mesmo que todas sejam despejadas numa superfície e sensibilidade de evaporação equiparável em ambos os sexos

mesmo que todas sejam convertíveis num inigualável processo de relação pela beleza que despertam e pela conjugalidade que outorgam.

Noutro plano, são essas mesmas lágrimas que dão corpo e mote ao cume mais elevado que os Sapiens até hoje obtiveram.

Todas as humanas faculdades de pensar, sentir, mentir, fazer humor, fazer poesia, assentes em duas razões pela evolução instituídas:

– aquisição de uma subjetividade pessoalizada

– aquisição de uma capacidade de mentalmente transportar as figuras parentais, mesmo na sua ausência, tornando-as desse modo presenças internas e constantes, protetoras e julgadoras

intimamente conjugam as complexidades estruturais da espécie e as singularidades culturais de cada um

numa construção onde as lágrimas representam um significativo condimento da criatividade em geral e da criatividade artística em particular.

Sem misteriosidade lágrimas não haveria.

Nada haveria para descobrir, ajustar ou decifrar.

Apenas haveria machos e fêmeas, numa caserna de paranoias e de cios, ninguém nada inventando nem reinventando.

Perdidas as lágrimas perderíamos as Artes e as Letras.

Pior ainda, perderíamos a Poesia que dignamente nos eterniza incombustíveis sorrisos.

Jamais os seres humanos encerrarão este capítulo.

Jamais o secarão, mesmo que por vezes pareça.

POEMAS

Sorrisos e lágrimas calam palavras.

De palavras caladas podem brotar prejuízos e benefícios.

Podem brotar sonhos e paradoxos, alguns de inolvidável dimensão, sem antes nem depois.

Podem brotar efemeridades intermináveis, a recomeçar no dia seguinte porque não podem terminar.

Podem brotar caligrafias de amor/desamor e ortografias doutros confins, mesmo sabendo que palavras de amor são palavras de dicionário: só na fonte sabem o que dizem, só na maresia significam o que serão.

Podem brotar poemas que serão sempre os seus momentos mais altos: os momentos em que verdadeiramente metade de nós são os outros e metade dos outros seremos nós.

Sem misteriosidade poemas nunca haveria, da mesma maneira que nunca haverá poemas de cariz racional, académico ou geométrico, mesmo que porventura cumpram os devidos ritmos, métricas e compassos.

Poemas nunca serão uma ideia a defender, uma ideologia a demonstrar, uma externalidade a propor.

Serão o interior a falar com o interior dos outros, mais derivados de sensibilidades propulsivas que de escolaridades favorecidas.

Poesia será sobretudo o desejo de a fazer, numa disponibilidade avançada por alusões e sentimentos.

Poeta será quem perto ou longe das complexidades críticas, literárias, logísticas, linguísticas ou outras entrelaça, hoje como há mil anos, o passado, o presente e o futuro numa textura consistente e numa esteticidade promitente. Sem fixação temporal nem localização espacial, será alguém que sente e a seu propósito fala (ou escreve), através de ressonâncias e palavras que em toda a gente germinam garantias culturais mas poucos sabem dizer.

Sorrindo lágrimas, encantando sorrisos, desencantando emoções, foi na humana insatisfação que as ondas da poesia se iniciaram e sem cansaço os milénios atravessaram.

Surfando, navegando, criando, foram os poemas sem razão que capacitaram ilusões e conduziram a humanidade aos picos da montanha anunciada mas nunca atingida.

Numa ocasião de encontro um poeta dizia-me:

«Poeta será sempre uma pessoa em crise... será o seu interior inquieto que ao interrogar-se produz... só sofrendo o poeta vai criando... as suas palavras traduzem um sofrimento que muitas vezes nem ele sabe donde vem...»

Segundo ele, nunca haveria tranquilidade beatífica no processo criativo das artes em geral, particularmente na poesia, e jamais haveria pombinhas do Espírito Santo a insuflar proposições.

Haveria sempre mal-estar, inquietação, desassossego, contra o qual o poeta luta e em cuja elaboração assenta quanto de si dissimula e quanto de si próprio descreve.

Por entre ideias, factos, latências e reconstituições, o interior do poeta sonha, imagina e soletra, ora na reconfiguração de si, ora na íntima ancoragem numa infância que recapitula e nas inconfidências que recupera.

Nada resolve enquanto faz, mas isso nada lhe importa. Apenas envia mensagens e nada mais propicia do que as palavras que nos deixa, mas a breve pacificação que no momento presente e posteriormente ilumina quem passa, completamente lhe justifica as improváveis ousadias e as inesgotáveis alegorias.

É por isso que só quem «teve» infância pode fantasiar os símbolos que devassa nos poemas que repassa. Só alguém que revive pode frequentar os arquivos que baralha e as emoções que agasalha, num jogo arriscado e eterno, que só terminará se a espécie implodir, parasitada por tecnicismos e códigos que a desmoronem.

É por isso também que o produzido pelo poeta, como pelos artistas em geral, nunca será o mais significativo, apesar de por norma apenas isso lhes conhecermos.

Essencial será, para quem emite e para quem recebe, a levitação do processo, a estética do testemunho, o desembaraço da emoção. Algo que compraza o seu próprio comprazimento e nos conduza ao nosso próprio usufruir... seja no coração dilacerado das «ligações sentimentais», seja no simbolismo exacerbado das «escavações universais», seja no psicologismo desconcertado das «felicidades paradoxais», seja na total ausência de sentido que muitos mobilizam e que a si próprios autorizam... através de instrumentos em que lágrimas e sorrisos tocam no interior e trocam no exterior, mesmo que apenas mencionem desesperos de causa, moradias sem casa e sofrimentos sem pausa.

Desde que a espécie os reconheceu como necessidade, e sem legislação a impedir, os poetas descrevem eternidades impossíveis de discutir, menos ainda de dirimir.

Transformam as palavras numa autossuficiente capacitação de liberdade e viagem. Debulham as asnarias propagandeadas, desenovelam as exclusões sedimentadas. Analisam a mediocridade das pomposas avenidas, rebatem a excentricidade das inumanas teorias, afastam o vazadoiro das infetas mercadorias, mesmo que nada saibam exatamente definir. Nelas vogamos e alunamos, só lhes podendo agradecer, mesmo que ao acordar nada se verifique diferentemente resolvido.

Pelo caminho atropelam as construções fonéticas, descumprem os trânsitos gramaticais, debicam inqualificáveis fraseologias, desapontam bacamartes e auditorias, aconchegam novidades sem fronteiras, desalinham tributações encapotadas e factuaisidades pouco lisonjeiras sobre quem somos e sobre o que andamos por aqui a fazer...

*(tudo coisas que mais ninguém diz
porque mais ninguém pode dizer)*

numa conjugação impossível de repelir, menos ainda de fugir:
pela admiração que propicia
pela motivação despida de condenações murmuradas e de ordenações catequizadas que se adivinha.

pela envolvência de misteriosos recantos que a poesia veicula e no enriquecimento transporta

pela saudação que faz da vida, jamais da morte, mesmo que Paraísos Perdidos e Noivados do Sepulcro entreteça.

Poesia é o contraponto do vazio.

Soluciona os maus sonhos e os maus desfiladeiros de quantos por ela sobrenadam, aderentes ou não ao tema desvendado, pelas mobilizações que anuncia e pelo pensar que pronuncia.

O seu destino será o nosso destino, visível sobretudo de olhos fechados, mesmo que jamais indique partidas ou chegadas...

porque em todos os humanos há uma poesia originária (todos transportam lágrimas e sorrisos) nas franjas do rochedo que os inquieta...

mesmo que a atual cultura tudo isso pretenda negar ou destruir, como se tal fosse possível, através de cliques e aparelhos.

Há sempre um planeta assinalável no interior de cada um.

Há sempre um jardim primaveril, latente mesmo não dito, pela poesia sacralizado. Todos com ele fomos dotados e todos nele pairamos desde o primeiro dia, imaginando horizontes que a poesia redimensiona e repescando alimenta. Há sempre frutos maduros, comensalidades apetecidas, paisagens desmesuradas que a si próprias se justificam numa exigência-testemunho que funciona como documento de si, mesmo entremeado de sonambulismos e tempestades.

Tratar desse jardim será o destino final dos humanos, mesmo daqueles que na realidade nunca o possuíram, ou daqueles que por circunstâncias de morte em vida nem dele tiveram conhecimento. Todos necessitam de algo que lhes encareça memórias e os desembarace de teorias. Cuidando cuidam-se, cuidando-se sobrevivem, secando ervas daninhas e desintoxicando desertos que ao longe nunca se esgotam.

Mexendo, remexendo, todos alindam essa jardim-terra-jardim que os irá recolher e com gosto à tarefa se entregam, sabendo que se o merecerem estarão melhor consigo próprios e retribuídos serão.

À terra todos irremediavelmente voltarão, de corpo inteiro ou de cinzas ao vento, na levada de todos e na levada da estima de si.

Fazer poesia será jardinar nas palavras, numa solução inútil e magnífica por isso mesmo.

À maneira de quem pede sem pedir, ou de quem encadeia e encandeia sem disso fazer mercê, alguns começam cedo, outros no limite, todos o desejando, poucos o acometendo.

Todos dispõem dessa capacidade, porque no início todos a possuíram.

Todos os poetas e todos os humanos disso têm consciência.

Todos de poesia necessitamos, mesma que dela não cuidemos.

